

I

Há uma irreparável decepção quando um homem encontra uma sereia. Isso acontece muito raramente. Podemos, no entanto, suspeitar se um vizinho no prédio volta a casa no fim do verão, com a família e os cães, e há nos olhos de todos qualquer coisa de alguém cuja visão se desfocou. Ele deixou crescer a barba e passa as noites na varanda de trás, comprometendo o seu papel de pai e o emprego. E os filhos, os cães e a mulher perderam a memória do contrato com que antes dividiam os espaços. Andam em roda, com pequenos empurrões.

Porque houve uma viagem combinada com pescadores, até ao alto-mar. E a família ri-se, quando ele volta, pálido e sem vontade de comer. Todos conhecem as histórias do enjoo. Está ali o desastre e ninguém sabe. O pai nunca mais olha para ninguém.

Seria então o caso de, no negro da noite, ter ouvido cantar. Os pescadores bebiam aguardente com uma aplicação de suicidas. Olhavam para as botas de borracha,

para o fundo do barco. E o veraneante, pensando nas sereias, estremece e tentava captar um brilho de olhos de um companheiro, em plena escuridão. Pois não havia luz em parte alguma. Nem junto a eles. Nem nas águas. Nem no céu. Pois não havia nada, nem sequer o embater das ondas contra o casco. Não balançava, o barco. E o mar, branco, naquele branco vazio, o do terror. Um coro de mulheres paira no ar, desdobra-se no ar como uma rede. Mantém-se imóvel sobre o barco, o canto, na imobilidade que há em tudo. Só a mente do homem se desloca, trazendo imagens para a sua frente. E, superior ao medo do momento, a excitação do encontro enche-lhe o corpo. Pois, como todos os ocidentais, ele cresceu no desejo das sereias. A bela mulher-peixe, a da garganta cheia de prata e de melancolia, que leva à perdição os marinheiros, não por maldade, mas por condição. Em toda a história que nos é contada, ela está predisposta para o amor, para sufocar na praia sob o sol que lhe resseca os limos do cabelo. Tem uma natureza de amarrada, essa mulher sem pernas, a mulher que não pode despir-se. A sem nudez. Chama os homens no mar e eles naufragam, mas é um chamamento de desejo e ninguém sabe o que se vai seguir. Possivelmente, o marinheiro não morre. Não regressa, porém isso não é a conclusão. Isto pensou, no barco, o veraneante, ouvindo a voz que não parava de o chamar. Os sons, no ar, formavam o seu nome. E ele tinha de merecer aquela escolha, tão rara e tão fatal. Baixava os olhos, como acontece com os condenados, cheios de uma terrível importância.

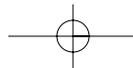
Estavam próximas, elas. O calor do seu canto descolava-lhe os cabelos da nuca. Ele estava coberto de suor, o suor muito frio da agonia. Então, o totalmente inesperado, a coisa insuportável, sucedeu. Sentiu que havia um elemento aéreo, uma secura e uma maciez, e ergueu o rosto e viu-as. Grandes penas cinzentas recobriam os seus três corpos de aves de rapina. E os seus rostos de mulher não eram belos. Nem jovens. Nem sequer os rodeava a longa cabeleira acastanhada. Tinham pequenas rugas e olhos negros e, sobre os queixos, despontava já essa penugem que descia sobre o papos. Cantavam, sim. Mas a beleza do seu canto estoirava e desfazia-se em pedaços que o esvoaçar cruel e silencioso depressa sepultava sob as águas.

São, com efeito, seres horríveis, as sereias. Move-as o puro gosto de matar, de remeter a carne humana à sua origem, ao lodo, aos vermes e à fermentação. Vêm de tempos velhos, do horror de uma terra convulsa, ainda encharcada de sangue e lava, revoltada por nascer. Cantam, tal como canta a mulher feia, com a face escondida e desejando que quem a escuta se estilhace como vidro.

Aquela intensa expectativa erótica que, ao longo de séculos, levou o desejo dos homens para as sereias desfaz-se brutalmente em quem as vê. Pois estas são as gregas, as de Ulisses. São monstros impossíveis de entender, absoluta estranheza. O belo canto, o rosto de mulher, não nos pertencem, nem sequer para temer ou odiar. Existem. E já nem precisam de matar. Desde que os homens do Ocidente conceberam a imagem literária,



a mulher-peixe, as sereias que existem realmente já não destroem por afogamento. Basta-lhes assistir à decepção.



II

Embora os escritores e mesmo algumas das suas personagens viajassem, dando-nos hoje, assim, uma impressão de que os caminhos e os transportes funcionavam, na segunda metade de Oitocentos a maior parte das pessoas portuguesas não punha o pé fora do sítio onde nascera. O trajecto mais longo da sua vida era o que unia, todos os domingos, a casa onde morava e a capela. Estranho é que não vivessem brutaemente. Tinham religião e higiene, filosofia e alguma medicina, se bem que estas palavras não respondam à exigência que hoje se faz delas. Apesar de pequeno, aquele mundo era complexo e bem organizado. Num equilíbrio gravitacional, pedaços de animismo e de volúpia circulavam, mantendo distância rigorosa do eixo que ligava o céu à terra e que continha os santos sacramentos e toda a armadura da Igreja. Conciliavam, com habilidade que já não conseguimos imitar, as noções do destino e do pecado, como o direito e o avesso de um tecido que, de qualquer